

O riso na Assembléia Nacional Constituinte (1987-88) na visão da coluna social de Carlos Swann, do jornal O Globo.

Paula Francinetti SILVA

Este artigo se propõe a identificar os fatos pitorescos e as manifestações do riso ocorridas nos bastidores da Assembléia Constituinte, na visão da Coluna Social de Swann, do Jornal O Globo.

Esta coluna publicada diariamente nos anos de 1987/88, era formada por meia página, localizada no segundo Caderno e constituída por notícias instantâneas e breves, circunscritas a um espaço por um traço negro, que as limitam do restante do jornal. A coluna social no jornal é destinada à cobertura de acontecimentos da elite da sociedade. Esta característica lhe confere um tom popular de mexerico para falar da elite social e política e lhe imprime um tom humorístico que se manifesta pelas condutas excêntricas e pelos discursos inoportunos.

Apesar da coluna social, ser um espaço no jornal destinado ao cotidiano da elite social, observa-se que nos anos de 1987/88, uma ênfase nos temas relacionados à política. A presença de pessoas identificadas com as altas rodas da *society* é menos representativa (55% das notas), enquanto os temas sobre a política e os políticos somam 61% das notas publicadas. Apesar desta constatação, a coluna ainda era um espaço de fofoca, intriga e de invasão da privacidade.

Sobre a cobertura do mundo político havia uma freqüência de motivos para a publicação de notas, que se referiam ao trabalho do parlamentar; àqueles que ocupavam cargos dentro do Congresso Nacional (presidência do Senado ou da Câmara); aos líderes de governo ou partidários; aos que eram citados pelos seus pares; aos que estavam envolvidos em algum escândalo ou aquele candidato a algum cargo eletivo. Isto indicava que havia uma ênfase nas ações individuais dos congressistas.

A cobertura dada pelo colunista ao que acontece nos bastidores da política chega a cobrir melhor a notícia do que as demais partes do jornal. Ramos (1994) observa que os freqüentes furos, notícias exclusivas que o colunista publica resumidamente, no dia seguinte, pelo menos alguns jornais desenvolvem o assunto em reportagens detalhadas. Esta possibilidade de constantes furos jornalísticos explica-se pelo fato do colunista muitas vezes divulgar a informação sem verificar a sua veracidade. Isso configura uma *proliferação descontrolada dos balões de ensaio, das maldades e das intrigas, formando uma malha jornalística tão frouxamente trançada, que por ela escapam com excessiva facilidade a ética e a aproximação da verdade* (Ramos 1994, 23). O que evidencia o limite pouco nítido entre um boato, fofoca ou intriga da informação verídica no noticiário das colunas.

Nos anos de 1987/88, a coluna trazia com humor a informação sobre os fatos específicos da Assembléia Constituinte: a convivência conflituosa do Poder Executivo e do Poder Constituinte, as negociações, disputas ou revelações das lideranças políticas e a intensa atividade dos lobistas.

Apesar da hegemonia do PMDB, grande vitorioso nas eleições de 1986, principalmente em razão de ter assumido a paternidade dos efeitos positivos do Plano Cruzado, a correlação de forças na Constituinte foi marcada por diversas concepções ideológicas e doutrinárias. Pesquisa divulgada na *Folha de S. Paulo*, no dia 19 de fevereiro de 1987, indicava o perfil ideológico dos 559 constituintes: 181 de centro (32,3%), 131 de centro-direita (23,4%), 126 de centro-esquerdo (22,5%), 69 de direita (12,3%) e 52 de esquerda (9,3%).

São estes grupos que vão digladiar-se durante as atividades parlamentares, muitas vezes tensas e rígidas. Porém suas ações acabam dando oportunidade à manifestação do riso, provocado por comentários inoportunos, trocadilho e citações erradas. Neste aspecto, o humor é subentendido *como qualquer mensagem, expressa por atos, palavras, escritos e imagens, cuja intenção é provocar o riso* (Bremmer e Roodenburg, 2000:13).

O que fazia rir na plenária da Assembléia Constituinte era captado pela coluna social na forma do discurso direto ou indireto. Logo no início dos trabalhos já se comentava: *o Congresso Nacional já tem painel eletrônico e um detector de metais. Fica faltando agora um relógio de ponto.* (Coluna do Swann, 30 de janeiro de 1987)

Pouco tempo após iniciar os trabalhos já se ouviam comentários sobre o tipo de atuação de alguns parlamentares: *o Deputado Xuxa – aquele que antes das eleições brindava seus eleitores com “beijinhos, beijinhos”; agora, só os trata com “tchau, tchau”* (Coluna do Swann, 3 de fevereiro de 1987).

Alguns comentários sarcásticos indicavam que as disputas político-ideológicas se davam com palavras, um dos parlamentares retrucando a notícia de que o PMDB pretendia fazer uma Constituição explosiva dizia: *O PMDB foi a todas as festinhas na casa do regime anterior e agora quer casar na Igreja de véu e grinalda* (Coluna do Swann, 3 de fevereiro de 1987).

Fatos e ações pitorescas como a venda de camisetas para campanhas políticas, pelo Deputado Antenir Werner do (PDS-SC), que ao ser criticado defendeu-se alegando: *ora, o meu negócio é muito normal. Todo mundo vende tudo no Congresso. Tem até quem venda boi!* (Coluna do Swann, 5 de setembro de 1988). Este tipo de notícia evidenciava o uso do poder legislativo, por alguns dos congressistas, para exercício de políticas individuais e desqualificava o espaço público institucional.

O diz-que-diz exterioriza o homem público, como por exemplo, comentava-se que o Ministro Aureliano Chaves, ao ser perguntado sobre os rumos do Brasil, respondeu: *não sei! Meu senhor. Tenho rezado muito para que não vá para o inferno.* A resposta demonstra que ele não era favorável aos rumos que tomava a política do país e evidenciava a dissociação dos representantes do núcleo governamental que se fracionam e polarizam em torno de interesses e idéias distintos.

O Deputado Ulysses Guimarães era o parlamentar de maior evidência, em 33% das notas o seu nome é citado, ora para elogiar, ora para criticar. Isso se justifica pelo fato do deputado ter acumulado vários cargos, como o de presidente da Câmara dos Deputados, da Assembléia Nacional Constituinte e do PMDB. No período, o PMDB era o grande centro

político que sustentava precariamente o governo Sarney. A sua precariedade estava no fato de ser um partido de orientação pouco definida. Se a orientação já era indefinida, por motivos históricos, na transição esta indefinição torna-se mais nítida porque acentuou as tendências tanto de uma minoria de esquerda quanto da outra facção, que não romperam com o antigo regime.

Na tentativa de tornar estrutural o poder que conquistara, conjunturalmente, a partir do governo Figueiredo, Ulysses Guimarães, como Presidente do PMDB, procura concentrar as alas opostas do partido e acomodar a esquerda liberal à maioria da bancada peemedebista. Este processo mereceu o seguinte comentário do Ministro José Hugo de Abreu: *O Doutor Ulysses é o maestro de uma grande orquestra em que cada músico toca por uma partitura diferente (Coluna do Swann, 15 de setembro de 1987)*. O comentário revela o pacto entre as elites dominantes para a transição negociada e que fez do PMDB, partido majoritário nas eleições de 1986. Porém o crescimento do PMDB ao invés de unificar inibiu o seu poder de iniciativa e à medida que os trabalhos na Constituinte avançavam exigindo a definição de questões, aparecem os muitos interesses conflitantes que intervêm para desfazer o equilíbrio instável inicial e o PMDB tornou-se um partido-ônibus, com vários motoristas, cada qual se substituindo na condução para dirigi-lo em rumos diferentes, quando não antagônicos. (Nascimento, 2004)

O riso permeava as sessões da Assembléia e ia além dele. Seu ponto mais freqüente era o cafezinho da Câmara, conhecido como um tradicional ponto de intrigas, fofocas e gozações. Ele podia ser deflagrado por citações erradas. Por exemplo, o assessor do Ministro Maílson da Nóbrega, procurando desmentir o boato da saída do ministro responde: *não há nada de verdade nisso tudo. O Ministro continua indo de vento em proa (Coluna do Swann, 25 de abril de 1988)*.

Neste comentário, o vento em proa seria um vento contrário, exatamente o que estava sendo negado. Cabe nesse ponto reconstruir o processo em que ele se insere, ou seja, a contínua crise da dívida externa estimulada pelo seu crescimento, o problema atinge no governo Sarney o seu ponto áureo, uma vez que para efetuar os pagamentos da dívida

externa, o governo recorria à crescente dívida pública interna e à criação de dinheiro inflacionário.

Nesta atmosfera econômica vai preponderar a tradicional política de clientela que tem por base os poderes locais e as alianças de sustentação políticas utilizadas no período para a manutenção da governabilidade, caracterizadas pela troca de apoio político por benesses administrativas. O tom de fofoca dos bastidores é evidenciado pela afirmação de que o Governador Álvaro Dias *sabe o que está fazendo, ao apoiar ostensivamente a tese do mandato de cinco anos para o Presidente Sarney. O Governo Federal liberou ontem CZ\$ 99 milhões para a execução de projetos do setor de irrigação no Estado do Paraná (Coluna do Swann, 4 de fevereiro de 1988).*

Muitas vezes, no auge do calor da Constituinte, surgia o humor que se opunha à seriedade do momento. Poderia ser um aparte estranho, disparates não intencionais, expressões ilógicas, qualquer uma dessas excentricidades, ditas por um dos parlamentares, em termos empolados e perdidos em meio a um árduo debate. O Deputado Inocêncio de Oliveira, ao apresentar um projeto de lei que estabelecia que o fogo simbólico na pira do Panteão da Pátria, na Praça dos Três Poderes, só deveria ser aceso durante três dias por ano – 21 de abril, 7 de setembro e 15 de novembro, justifica: *patriótica e meritória a iniciativa que homenageia a memória dos nossos maiores, o Panteão da Pátria não precisa ter a tocha acesa todos os dias do ano como se pretendesse empanar o brilho do sol que crestou as asas de Ícaro. (Coluna de Swann, 21 de março de 1987).*

O Deputado José Elias Murad, no dia 20 de maio de 1988 distribuía um folheto aos Constituintes com dez conselhos para combater o stress. Um deles é rir sempre que possível, *pois o riso é um ótimo método de relaxamento e ajuda o organismo a aliviar as tensões. A distribuição do folheto provocou o seguinte comentário crítico: as más línguas de Brasília estão espalhando que, mesmo sem conhecer o folheto, o ex- Ministro Bresser Pereira já segue esse conselho há muito tempo.* Esta era uma referência ao espiral inflacionário que atingia índices próximos à hiperinflação. Convocado para assumir o Ministério da Fazenda, Luís Carlos Bresser Pereira concebeu um novo plano econômico, lançado em 6 de janeiro de 1988, mas que não obteve sucesso. Então, do que ria Bresser? O seu plano muito criticado provocou a sua saída do

Ministério, porém os seus sucessores também não foram capazes de resolver a crise econômica.

O humor se manifestava na Assembléia em situações como esta, em que o Deputado José Carlos Vasconcellos (PMDB/PE) com uma justificativa de 51 laudas, apresentou à Assembléia Constituinte uma proposta pedindo anistia póstuma a Frei Joaquim do Amor Divino Caneca – o Frei Caneca, do movimento republicano da Confederação do Equador. Em sua exposição, o parlamentar pede também a reincorporação da Comarca do Rio São Francisco ao Estado de Pernambuco. O tom humorístico está na confusão de áreas geográficas e contextos históricos.

A preocupação com os baixos índices de participação dos parlamentares nas sessões da Constituinte provocava as mais engraçadas atitudes. Sobre isso, a coluna de Swann do dia 5 de maio de 1988, conta que, convidado para presidir a comissão que examinaria os atestados médicos dos congressistas faltosos, o Secretário da Mesa e médico Mário Maia recusou, alegando questões de ética, primeiro por contrariar o atestado de um colega médico, depois porque teria que denunciar um colega parlamentar.

Durante todo o tempo os trabalhos da Assembléia são acompanhados de intriga e fofoca. O Senador Roberto Campos, falando na Comissão de Tributação e Planejamento, desenvolveu o seguinte raciocínio: *pela Constituição o orçamento da União tem que ser obedecido, mas infelizmente, o governo está gastando mais do que pode e está emitindo moeda – o que resulta num aumento da inflação. Portanto a inflação é inconstitucional (Coluna do Swann, 10 de março de 1987)*. Roberto Campos, um economista que apoiou o regime anterior, faz parte do coro daqueles que procuram provocar repercussões negativas para a imagem do processo democrático.

Os conchavos políticos eram abordados de forma cômica, a exemplo, a opção do Deputado Álvaro Valle, que abriu mão de ser o Relator da Subcomissão de Educação em troca da proposta de participação em três outras Comissões e na Mesa Diretora da Constituinte. O comentário era que: *ele preferiu ter quatro pássaros na mão e um voando (Coluna do Swann, 9 de abril de 1987)*. Ao parodiar o ditado popular o colunista desvela a precariedade de

consenso e a instabilidade que levou os constituintes a negociações e mudanças freqüentes na ocupação de cargos.

A atuação de alguns parlamentares repercutia negativamente na imagem dos congressistas, que envidavam esforços para reabilitá-la. Procurou-se instalar uma Comissão Parlamentar de Inquérito que investigaria os políticos envolvidos em casos de corrupção. Uma eventual convocação do ministro Antônio Carlos Magalhães para depor nessa Comissão redundou, no aprofundamento dessa negatividade. Nota-se pelos comentários do ministro: *se eles me convocassem para depor, a CPI encerraria imediatamente seus trabalhos (Coluna de Swann, 7 de maio de 1988)*. Esta Comissão mereceu os comentários picantes do ministro Paulo Brossard: *minha impressão é que ela está pescando em alto-mar, num oceano imenso, sem fronteiras e sem limites e, por isso, correndo o risco de não alcançar resultados satisfatórios (Coluna de Swann, 6 de maio de 1988)*.

A fofoca e o disse-que-disse tomavam conta dos corredores da agitada Assembléia Constituinte. O ti-ti-ti parlamentar envolvia a Deputada petista Benedita da Silva, diziam que a Deputada procurava tomar para si a idealização da emenda sobre os direitos das empregadas domésticas, que era de autoria *da loura Deputada Rita Camata (Coluna do Swann, 21 de março de 1988)*.

Os assuntos mais polêmicos, como a decisão entre o presidencialismo e o parlamentarismo, eram sempre abordados de forma satírica. O Senador José Richa (PMDB-PR), defensor do parlamentarismo e discordando da alternativa de implantação de um sistema híbrido que misturava sistema de gabinete com o presidencialismo, afirma: *para mim a questão é como virgindade. Ou é ou não é virgem, sem meio termo (Coluna de Swann, 28 de agosto de 1987)*.

Opinando sobre o assunto Mário Henrique Simonsen comenta sarcasticamente:

se for aprovado o parlamentarismo, o Primeiro-Ministro será o Deputado Ulysses Guimarães – por meia hora. Depois, virá o Mário Covas, que durará 15 minutos; em seguida, o José Richa, que ficará no cargo, se tanto, uns cinco minutos. Aí, então virá o General Pires Gonçalves que certamente não vai receber nenhuma moção de desconfiança do Congresso (Coluna do Swann, 7 de maio de 1987).

A voz da autoridade do professor Simonsen constata que a aprovação do sistema parlamentarista quebraria a subordinação do Legislativo ao Executivo, uma das características centrais do Estado brasileiro. A ironia do final da frase indica que na possibilidade deste elo ser rompido a tomada do poder por um general colocaria o Congresso em sua condição subordinada ao Poder Executivo. O discurso relaciona-se à tênue redemocratização do país.

À medida que os trabalhos da Constituinte chegavam ao fim, surgiam novos motivos para o riso. Quando o último projeto de Constituição foi entregue pelo Deputado Bernardo Cabral ao Deputado Ulysses Guimarães, o revisor antecipava que: *tem muito mais coisa pela frente para arrepiar os cabelos dos puristas do idioma de Camões (Coluna de Swann, 15 de outubro de 1988).*

O trabalho de impressão do texto final da Constituição também era alvo de choça: os passageiros do maior trem da alegria de que se tem notícia – 4 mil funcionários – vão ser convocados em novembro para mergulhar de cabeça nos trabalhos de composição e impressão de 3 milhões de exemplares da nova Constituição. Os responsáveis pela gráfica estão fazendo figa para não aparecer todo mundo junto (Coluna de Swann, 19 de outubro de 1988), Esta era uma alusão aos famosos “trem da alegria” prática política que se aproxima do que se convencionou chamar de “fisiologismo” ou concessões feitas pelos congressistas a si mesmas e seus aliados políticos de recompensas financeiras ou empregatícias à custa dos cofres públicos.

O riso que evidenciamos no decorrer dos trabalhos da Assembléia Constituinte era um riso ambíguo porque era formado pela recusa e aceitação da nova realidade pela precedente. Neste processo de negação e afirmação o humor é deflagrado pelo contexto excepcional de transição para uma nova ordem. Durante todo o período de funcionamento da Assembléia Constituinte a coluna de Swann, com um tom de humor serviu de guia para revelar as mudanças sociais e políticas do período de transição.